

# A VIDA RURAL NA "CAMPANHA" RIO - GRANDENSE (\*)

RAYMOND PÉBAYLE

Tradução Gilberto Lazare da Rocha

Pátria do gaúcho brasileiro e domínio tradicional do pastoreio extensivo, a Campanha rio-grandense aparece como um pedaço de pampa isolado na natureza subtropical do Brasil meridional. O abrupto dos "trapps" basálticos da Serra Geral, ao norte, a separa do Brasil central. Do lado atlântico, as elevações de 500-600 metros do maciço uruguaio-riograndense a privam da influência do oceano. Por outro lado, excetuando o rio Uruguai, nenhum obstáculo se opõe às comunicações com os países do Prata. Dessa grande abertura, para o Sul, resultam duas consequências fundamentais que marcaram profundamente a geografia humana da Campanha.

O quadro físico é marcado pelo pampa do qual a Campanha possui não somente o tapete vegetal de estepe herbácea, mas também as paisagens planas ou suavemente dissecadas. Uma longa evolução morfológica não deixou subsistir senão um abrupto de pequena amplitude no contato entre os basaltos ocidentais e os terrenos sedimentares que continuam, a leste, a depressão central do Rio Grande do Sul (fig. 1). Os vales muito alargados dos afluentes do Uruguai-Ibicuí e Quarai baixam até 80-60 metros num conjunto de colinas baixas de 150-200 metros, designadas localmente "coxilhas". A região não oferece, pois, nenhum obstáculo à penetração das massas de ar vindas do Sul e do oeste. O clima com estações marcadas (média de 12° C em julho e de 24 °C em janeiro) se caracteriza pelas fortes ondas de calor e de frio e pelas secas catastróficas de verão. Ele é hostil à árvore, que se refugia ao longo dos rios e nas depressões úmidas. As quei-

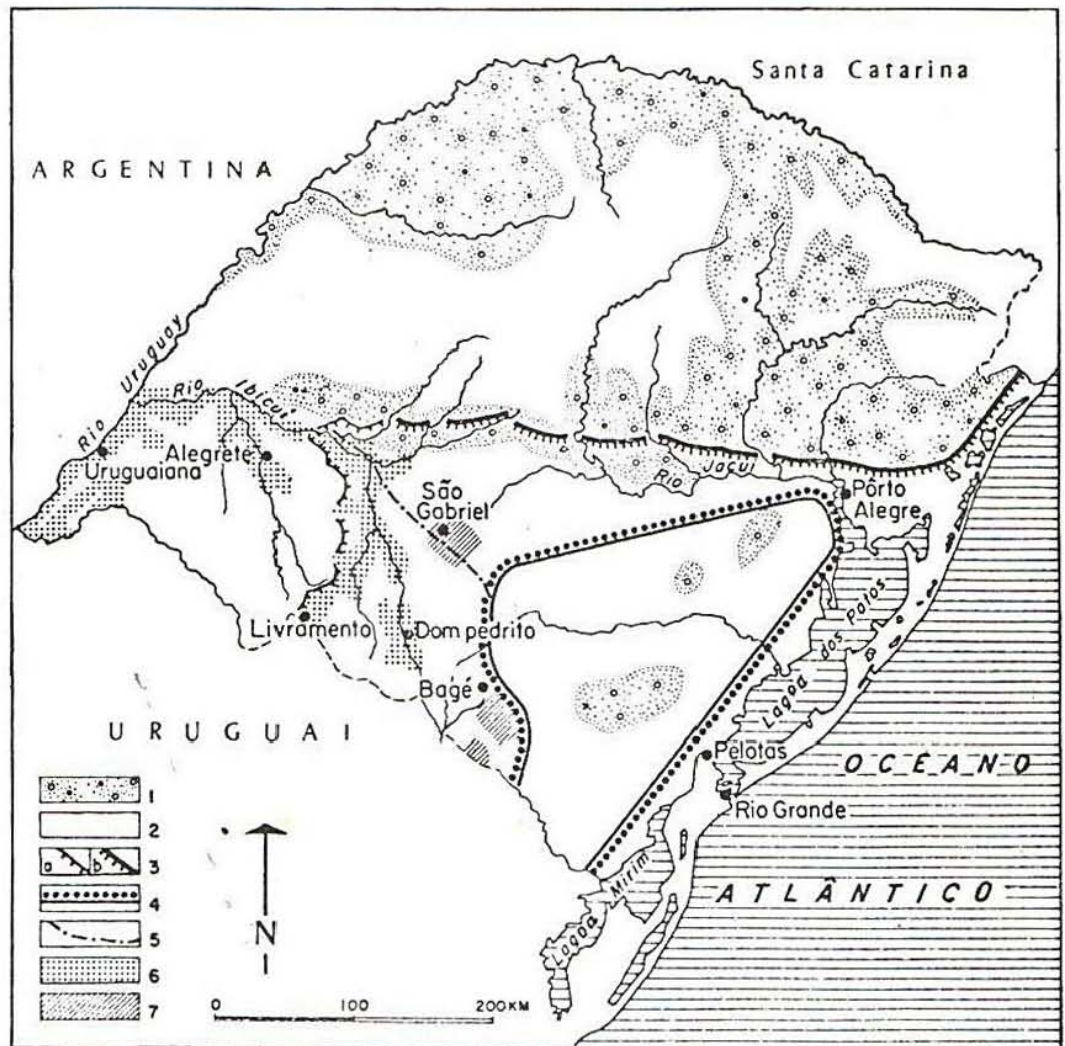
mas das pastagens também colaboraram no desaparecimento de toda a vegetação arbustiva sobre as coxilhas que se tornaram domínio das ervas. Este tapete vegetal constitui uma excelente pastagem natural porque se compõe de gramíneas, leguminosas e de espécies herbáceas compostas, denominado "campo fino" junto à fronteira, e se degrada progressivamente à medida que se afasta para o norte e para as altitudes orientais.

Esta passagem à uma pradaria mais grosseira — o "campo grosso" já invadido por espécies arbustivas setentrionais, limita bem a região. Assim, ao norte, a Campanha finda no vale do Ibicuí, ao Nordeste, o campo fino jamais ultrapassa o divisor de águas entre os rios Santa Maria, Cacequi e Vacacaí, para o leste, enfim, a curva de nível dos 300 m. marca nitidamente a transição com as terras do Sudeste.

(\*) FONTE: "LES CAHIERS D'OUTRE MER", TOME XX, 1967 (p. 345-366)

(1) O autor agradece vivamente as diversas Associações rurais da Campanha. Que seus colegas brasileiros, Sr. Paulo Xavier (historiador) e Gervasio Neves (geógrafo), assim como o Sr. Marcel Lacarra, da Missão Universitária Francesa no Brasil, possam encontrar a expressão do seu reconhecimento pela ajuda que lhe prestaram — o artigo foi elaborado em dezembro de 1964.

Fig. 1.- A Campanha no quadro do Rio Grande do Sul.- 1. Floresta subtropical.- 2. Campo.- 3. Escarpa separando o planalto basáltico da Depressão Central do Rio Grande do Sul.-3/a) Escarpa pouco acentuada, 3/b) Escarpa muito acentuada. 4. Limite entre o maciço cristalino uruguaio-riograndense, a Depressão Central e os litorais orientais.- 5. Limite nordeste da Campanha.- 6. Rizicultura da Campanha.- 7. Culturas de trigo da Campanha.



Segunda consequência dessa abertura para o Sul: a Campanha, região brasileira do pampa, sempre constituiu um ponto de contato fácil entre os colonizadores portugueses e espanhóis. Desde o início de sua penetração, uns e outros se dedicaram a atividade quase exclusivamente pecuária. Foi no início do século XIX, imediatamente após a conquista definitiva das Missões Orientais do Uruguai pelos portugueses, que a Campanha conheceu seus primeiros estabelecimentos definitivos. O povoamento se efetuou na base das "sesmarias", ou grandes domínios de 6 léguas por 3, concedidas pela Coroa aos primeiros ocupantes, aos militares e aos nobres. Concessões que nem sempre foram pacíficas já que, de 1810 a 1828, os titulares de sesmaria tiveram seguidamente que pegar em armas para defender uma fronteira que, do lado, da República do Uruguai, esta longe de ser natural. Assim se constituiu um povo de criadores soldados, a maior parte do tempo isolados do poder central. O gado bovino local, perfeitamente selvagem no século XVIII, foi progressivamente domesticado e explorado devido ao couro e a carne. Esta era tratada segundo o processo do "charque"; isto é, salgada e seca ao sol nos grandes estabelecimentos com mão-de-obra escrava: as "charqueadas". De um lado e do outro da fronteira esses foram sempre os mesmos gêneros de vida dos grandes proprietários criadores. A agricultura era uma atividade menosprezada e deixada aos cuidados de alguns trabalhadores escravos. Devido a esses primeiros ocupantes e pela maioria de seus atuais descendentes, o pampa não poderia obrigar uma só atividade ligada a excepcional riqueza do seu tapete vegetal: a pecuária extensiva. A instalação de colonos alemães desde 1824, e italianos a partir de 1870, ao norte do Estado, não teve grande influência sobre esse meio cuja fidelidade política a causa brasileira só foi igualada por sua orientação econômica aos países de língua espanhola. Dessa evolução ligada simultaneamente a história de uma fronteira e a de um meio natural original, a Campanha herdou no século XX, as paisagens rurais e as técnicas de exploração do solo, únicas no quadro da Federação brasileira (2).

## I - EXPLOTAÇÕES E TÉCNICAS PECUÁRIAS

Comparada com as outras regiões do Rio Grande do Sul, a Campanha permaneceu como domínio das grandes explorações. Em 1960, a superfície média dos estabelecimentos era de 416 hectares contra somente 48 hectares no resto do Estado. As explorações com mais de 1000 hectares 9,6% do total - não atingem menos de 63% da área considerada. A permanência dessas grandes "estâncias" não obstante a divisão das propriedades desde há um século e meio, se explica pela generalização dos modos de exploração indiretos que permitem uni-las, a porção possuída de terras, sob contrato. Entre esses contratos, o mais comum é o aluguel no qual se arrenda um "campo" por um período de 2 a 4 anos. Em 1963, o aluguel de uma quadra de sesmaria (unidade de superfície clássica do sul pecuário equivalente a 87 hectares) se elevava a 300.000 cruzeiros, ou seja segundo a época do ano, 2.500 ou 3.000 francos. No município de Bage, por exemplo, computamos 468 fazendeiros num total de 1.608 explorantes. Um segundo método utilizado para manter os grandes estabeleci-

(2) BERNARDES, NILO: "Bases geográficas de povoamento do Estado do Rio Grande do Sul". O Boletim Geográfico, nº 171. 1963, 63 p. - Diversos autores: "Aspectos da geografia riograndense" Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1954. - FRANCO, Sérgio Costa: "A Campanha riograndense" in "Rio Grande do Sul, Terra e Povo". Edição Globo, Porto Alegre, 1964, 10 p. - MONBEIG, Pierre: "Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira", Difusão Europeia do Livro, S. Paulo, 1957. - MONBEIG, Pierre: "Pioneiros e Plantadores de São Paulo". Armand Colin, 1952, 376 p. ROCHE, Jean: "A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul". Trabalhos e Memórias do Instituto de Altos Estudos da América Latina, III. Paris, 1959.

mento é a exploração não dividida das terras pelos herdeiros de uma estância. Nas melhores pastagens da fronteira esse contrato é corrente. Às vezes uma família possui várias estâncias, geograficamente distintas, cada uma das quais se especializando numa operação da pecuária. A Sociedade Anônima, terceira forma de grande exploração, e de aparecimento recente.

Ela pode agrupar de vez a vinte associados e tende a desempenhar um papel industrial. Uma firma de Bagé, por exemplo, possui onze estâncias com uma superfície total de 34.000 hectares, um frigorífico, uma charqueada e um grande depósito de lã. No fim de 1962 existiam na Campanha 2.738.000 bovinos, 5.499.000 ovinos e 525.000 cavalos, ou seja, a média de 56 bovinos, 114 ovinos e 11 cavalos por km<sup>2</sup>. A densidade da população rural, por outro lado, é de 2,8 habitantes por km<sup>2</sup>. Com um habitante por 64 cabeças de gado, concebemos como a Campanha conservou uma pecuária de tipo extensivo. Este último epíteto deve, entretanto, ser suavizado, porque a estância gaúcha evoluiu desde o início do século XX. Atualmente ela realiza uma curiosa mistura e de inovações modernas (3) Foto 1.



A estância São Miguel, nos limites dos municípios de Livramento, Alegrete e Quaraí. Tipo de grande estabelecimento de pecuária extensiva na campanha. Vista aérea oblíqua.

A verdadeira originalidade da Campanha reside nos melhoramentos zootécnicos introduzidos desde o ano de 1.930. Assim, o gado bovino e do tipo europeu e não zebu como na maior parte do resto do Brasil: as onerosas compras de reprodutores Hereford, Aberdeen-Angus, Shorthorn e, em menor grau Charolês, transformaram as raças locais de pequeno porte. Os mesmos esforços de seleção foram realizadas no gado ovino pela introdução de merinos Rambouillet e australianos, de Corriedales neo-zelandês e de Romney-Marsh inglês. A Campanha, graças a esses esforços e também ao seu clima, domina largamente este tipo de pecuária no Brasil. Os cavalos, ao contrário, não foram beneficiados com tantos cuidados. A raça local, dita "crioula", possui uma reputação excessiva de resistência, que freou a introdução de reprodutores. Como o estímulo da venda de cavalos selecionados ao exército brasileiro tende a desaparecer, nota-se muito pouco desejo de melhorar a raça Foto 3 e 4.

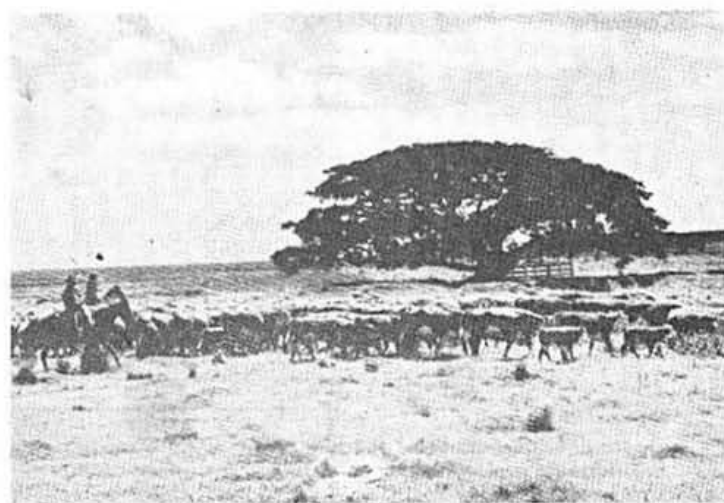
É certo que esses progressos se explicam em grande parte pela vizinhança das fronteiras do Uruguai e da Argentina. Estes dois países deram, simultaneamente, exemplos de uma pecuária de qualidade superior e forneceram um grande número de reprodutores, em condições vantajosas, graças aos métodos muito simples de contrabando. A "Cabanha" gaúcha, ou estância especializada nos animais de raça, nasceu, em parte, dessa vizinhança (4).

Entretanto, a tradição subsiste, particularmente no domínio dos sistemas pecuários. Os bovinos e os ovinos permanecem durante todo o ano nas pastagens denominadas "potreiros" com várias, dezenas, ou mesmo várias centenas de hectares. Uma exploração ordinária conta

de cinco a dez desses potreiros, entre os quais o gado é repartido por idade e por sexo. As pastagens mais ricas — as invernadas — são reservadas aos bois de três e quatro anos destinados a engorda. A carga dos animais por unidade de superfície permanece baixa: a média é de 30 bovinos e 175 ovinos por quadra de sesmaria.



Carneiros com lã



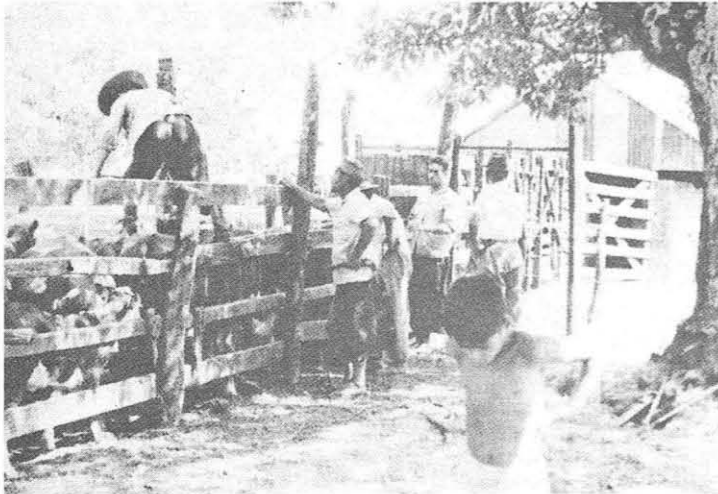
Bovinos Hereford da Campanha

Durante o inverno o crescimento muito demorado do tapete vegetal obriga a diminuir o número de animais em cada potreiro. A operação é facilitada pela redução do rebanho logo após os abates do fim do verão. Raras são as estâncias que possuem pastagens artificiais em quantidade suficiente para completar a nutrição do gado durante a estação fria. Essas forragens artificiais consistem em alguns hectares de milho, de aveia ou de centeio. Situados próximos as sedes das estâncias eles fornecem um complemento alimentar aos animais reprodutores de valor, em regime de semi-estabulação, e os animais doentes. Somente as cabanhas generalizaram, até aqui, as boas pastagens artificiais (trevo, alfafa, cornichão). A Associação da agricultura com a pecuária não se desenvolveu. O gaúcho criador da fronteira não é ao mesmo tempo um agricultor. É comum ver-se uma estância de 25 quadras de sesmaria não possuir senão um arado e, algumas vezes somente um trator.

(3) MARTINS, Eduardo Silveira: "Carnes, produção, mercado". Gráfica da Universidade do Rio Grande do Sul, 187 p.  
XAVIER, Paulo: "A Estância do R.G.S.", in "Rio Grande do Sul, Terra e Povo 14 p."

(4) GAINARD, ROMAIS: "L'élevage en Argentine", des cahiers D'outre Mer, t. XVIII, 1965, pp 151-193. Na Campanha Brasileira existem somente quatro ou cinco desses estabelecimentos, realmente especializados, por município — VIDAL, Jean-Paul: "Une Estancia en Patagonie". Les Cahiers d'Outre Mer, t. XIII 1960, pp. 227 - 238.

Durante o verão a rápida reprodução da vegetação natural permite uma carga superior aquela do inverno da ordem de três carneiros e um boi por hectare. A falta de água se constitui frequentemente em obstáculo à lotação superior. A raridade das chuvas e exagerada pela fraca capacidade de retenção dos solos sedimentares arenosos e pela rápida infiltração das águas no subsolo basáltico ocidental. Toda uma nomenclatura local designa as fontes naturais de água que existem nas pastagens. O "arrôio" ou regato permanente é, com os rios, o mais procurado. A "sanga" é de porte mais reduzido e de curso intermitente. Sobre os basaltos, as fontes ou vertentes valorizam o poteiro. Desde alguns anos se procura amenizar a falta de água através da construção de barragens de terra que servem como bebedouros. Evita-se assim em parte, as crises que afetavam periodicamente o rebanho até 1950. A aquisição de custosos reprodutores e a relativa, valorização do gado, encorajaram a luta contra as doenças parasitárias, microbianas e virulentas. Desde o início do século uma intensa campanha contra o "carrapato" (*Margaropus annulatus*), parasita vetor da piroplasmose, levou a generalização dos "banheiros" para o gado. Constituídos por dois muros de cimento enterrados em três quartos da altura e limitando um espaço de aproximadamente um metro, essas construções têm como objetivo obrigar os animais a banhar-se periodicamente nas soluções inseticidas. Vários tipos de vacinas são comumente empregadas em todos os estabelecimentos contra a febre aftosa, em particular. Os organismos oficiais auxiliam na luta contra as doenças mais difundidas. Em decorrência de campanhas gratuitas com distribuição de vacinas e de doses curativas, certas doenças foram praticamente suprimidas (a sarna ovina, por exemplo) Foto 2.



No "brete", estreito corredor limitado por duas fortes cercas de madeira, os animais são vacinados, tratados e dirigidos ao "banheiro", cheio de uma solução destinada a matar os carrapatos.

Os métodos pecuários propriamente ditos evoluíram durante os últimos decênios. O engorde dos bovinos, chamado inverno, não é feito exclusivamente pelos grandes proprietários especializados que adquirem o gado magro na idade de dois ou três anos. Embora essa prática seja ainda difundida nos Estados de São Paulo e Minas Gerais, procura-se, entretanto, no Rio Grande do Sul, vender o boi gordo, criado desde o nascimento. O primeiro ano é inteiramente consagrado à castração, a vacinação preventiva, e a famosa marcação com ferro em brasa. A maioria dessas operações se efetua no outono ou no inverno, estações consideradas como as menos favoráveis à proliferação das doenças e das infecções. A mortalidade dos filhotes é importante: 10 a 15% dos bezerros morrem durante o primeiro ano. Nos dois anos seguintes o inverno é um período morto no qual os animais emagrecem. No verão, por outro lado, os cuidados redobram. As vacinações e as troças de pastagens são frequentes. Os diversos poteiros são visitados diariamente. De prática tradicional, o agrupamento dos animais em um lugar definido das pastagens chamado "rodeio" é ainda a operação essencial da estância. O rodeio permite, simultaneamente, uma revisão periódica do rebanho e uma classificação dos animais. A principal atividade consiste em separar as vacas de dois anos, logo que se reconheça que estão aptas à reprodução. A inseminação artificial não obstante os esforços governamentais, é ainda pouco difundida e dependente dos postos de inse-

minação, como no município de Livramento, por exemplo. As vacas permanecem na atividade reprodutora até oito ou nove anos, quando então são engordadas para abate. As taxas de natalidade são geralmente baixas: 50 a 60% das reprodutoras parem um bezerro anualmente em condições de alimentação ordinária. Nos estabelecimentos avançados essa percentagem se aproxima dos 90%. Terminada a "cria" os bois entram na fase de engorda denominada "inverno" ou engorda.

O animal de corte é vendido com um peso médio de 400 a 450 quilos. Se as condições de mercado são pouco favoráveis ou se o verão anormalmente seco não permitiu uma engorda suficiente, os animais podem ser conservados por mais um ano. Este prolongamento da engorda, chamado "re-inverno", é geralmente evitado por ser julgado, com razão, pouco rentável. Com efeito, e comumente, durante o inverno seguinte à primeira engorda, os animais percam 80 a 120 quilos que devem recuperar em seguida.

Misturados aos bovinos e aos cavalos, os carneiros passam por animais rústicos em razão de sua resistência às baixas temperaturas e às secas. Reputação um pouco exagerada, na verdade, como prova uma mortalidade de mais de 16% em média, por ano. Os ovinos dão lugar aos mesmos gêneros de cuidados que os bovinos no que se refere às vacinações, banhos, castração e marcação. Banheiros especiais, mais estreitos e menos profundos, lhes são destinados. Por muitas razões estes são os animais providenciais da estância gaúcha porque, além de lã que constitui grande parte da receita, eles fornecem a carne de consumo diário do estabelecimento e as peles que são usadas para recobrir as selas dos cavaleiros.

Os "capões", ou machos castrados, e as ovelhas velhas sofrem um regime de engorda semelhante aquele dos bovinos. Somente os animais de cabanha são objeto de um regime de semi-estabulação e recebem diariamente rações suplementares. Esses animais de raça constituem há vários anos a preocupação maior do pecuarista gaúcho. A ideia de um aperfeiçoamento zootécnico se impõe de tal maneira que eclipsou outras inovações fundamentais que poderiam levar a um progresso paralelo. É o caso, por exemplo, dos abrigos — sem falar, ainda, dos estábulos e dos currais — e das forragens artificiais. Portanto, será numa maior difusão dessas melhorias que a estância encontrará seus progressos futuros.

## II — A ESTÂNCIA GAÚCHA: UMA EXPLOTAÇÃO LUCRATIVA, UMA VIDA MENOS ISOLADA.

Numa exploração pecuária especializada de tipo extensivo todo o exame de rentabilidade deve considerar dois elementos fundamentais. Um reside nos benefícios obtidos da receita anual que compreende a venda dos animais que atingiram o peso de abate e dos subprodutos de rebanho. O gaúcho designa esses benefícios "desfrute". Nos estabelecimentos da Campanha essas vendas consistem em, bois e carneiros gordos, lã e coruros. Em segundo lugar, para que a estância prossiga sua atividade é necessário que, operado o desfrute, o efetivo do rebanho ao final do ano considerado seja ao menos igual ao que existia em 31 de dezembro do ano precedente. Ainda torna-se necessário sublinhar que, num estabelecimento de pecuária bem dirigido, a percentagem de abate anual pode facilmente atingir 20% para os bovinos e 30% para os ovinos.

— Evolução dos rebanhos bovinos da Campanha entre 31.12.1961 a 31.12.1962 (5, v. pag. seg.)

BOVINOS			
ATIVO		PASSIVO	
Rebanho existente em 31.12.1961	2.577.700	Gado abatido	320.207
Nascimento em 1962	608.900	Mortalidade total (incluídos os bezerros excluído o gado abatido)	127.700
Total	3.186.600	Total	447.907

Efetivo em 31.12.1962: 3.186.600 - 447.907 = 2.738.693 cabeças.  
Balança 1961 - 1962 = + 160.993 cabeças.

OVINOS			
ATIVO		PASSIVO	
Rebanho existe em 31.12.1961	5.388.300	Gado abatido em 1962	232.843
Nascimentos em 1962	1.218.200	Mortalidade total	874.600
Total	6.606.500	Total	1.107.443

Efetivo em 31.12.62: 6.606.500 - 1.107.443 = 5.499.057 cabeças.  
Balança 1961 - 1962: + 110.757

Conhecendo essas reservas é interessante examinar, agora a evolução dos rebanhos ovinos e bovinos nos municípios da Campanha do fim de 1961, a dezembro de 1962. Aparentemente os resultados, seriam muito satisfatórios já que os balanços anuais mostram um crescimento dos dois rebanhos no fim do ano de 1962. Entretanto, esse crescimento é artificial porque os abates são nitidamente inferiores à média: 3,5% para os ovinos e 10% para os bovinos.

Um cálculo muito simples mostra que, se o criador gaúcho tivesse podido manter um abate razoável em 1962, teria registrado em seu rebanho um déficit de 6,1% para os bovinos e de 30% para os ovinos.

Os balanços financeiros confirmam esse estado de sub-rentabilidade. No caso de uma exploração favorável e direta as margens brutas por hectares são de 54 francos se fizermos entrar o desfrute e o valor dos animais nascidos durante o ano contábil no produto anual e de 43,60 F se reduzirmos esse somente ao desfrute. Quase dois terços desses benefícios são tirados da lã cuja produção de 2,5 Kg. por cabeça é baixa. Para obter o rendimento de uma exploração em terra alugada convém diminuir esses valores de aproximadamente 30% (6).

Essas cifras são dez vezes inferiores aos benefícios obtidos de uma exploração de rizicultura, por exemplo. É verdade que o quilo de carne gaúcha é um dos mais baixos do mundo: no início do ano de 1964, seu preço não excedia um franco (pêso vivo). Nesses balanços, entretanto, não aparecem os benefícios invisíveis, muito irregulares segundo os anos, devidos à proximidade de uma fronteira benevolente.

A vida da estância rio-grandense assemelha-se àquela dos estabelecimentos de pecuária extensiva do Uruguai e da Argentina. A ausência do proprietário é cada vez mais notável. Representado por um gerente, denominado "capataz", o "dono", ou chefe da estância, vive quase sempre na cidade onde possui uma casa confortável e exerce, às vezes, uma outra atividade (comércio, escritório de venda de gado). Esse afastamento é sempre facilitado pelo progresso das comunicações rádio-fônicas. Cada sede municipal possui ao menos uma estação de rádio que deixa duas emissões diárias às mensagens que os patrões cidadãos enviam aos empregados da estância. Desse ponto de vista a generalização do rádio transistor está em vias de operar uma verdadeira revolução ao afrouxar as relações, por muito tempo estreitas, que uniam o dono aos seus empregados, os "peões".

Esses últimos constituem a mão-de-obra permanente da estância onde vivem. Pouco numerosos, já que num estabelecimento com 800 a 1000 hectares existem quatro ou cinco, em média, eles recebem as ordens do capataz e têm cada um a sua especialidade. Herdeiros diretos do gaúcho tradicional os peões, denominados "campeiros", percorrem diariamente a cavalo as diferentes pastagens da estância. Eles consertam as cercas caídas; desmembram os animais mortos, que queimam somente nos casos de doença contagiosa, conduzem à tosquia as ovelhas caídas sob o pêso de sua lã; efetuam os rodeios, e relatam ao capataz os roubos de gado.

Seus contatos cada vez mais raros com um patrão que trocou o cavalo pelo "jeep" ou pelo taxi-aéreo, fazem deles pessoas instáveis, facilmente permeáveis às reivindicações sociais, algumas vezes justificadamente certas mas, freqüentemente, pouco realistas. Eles não são mais os sustentáculos da boa marcha da estância. Situado em posição inferior dentro da consideração regional aos peões, o "caseiro" e o empregado doméstico que se ocupa da manutenção da sede da estância e da criação doméstica. Um "cabanheiro" especializado no tratamento dos animais de raça, completa, algumas vezes, o efetivo dos peões. Na base da hierarquia as empregadas domésticas dividem com o jardineiro, ou "horteiro", a sorte um pouco desprezada de uma vida sedentária e isolada na casa do dono. Os empregados temporários fazem de quando em vez, rápidas aparições na estância. Esses são os especialistas

(5) Dados extraídos do "Anuário — Agro-Pecuário, 1963". Departamento Estadual de Estatística. Secretaria de Economia do Rio Grande do Sul. (Essas cifras tem um valor indicativo muito grosseiro, ao menos com relação aos ovinos para os quais o abate real é certamente superior à cifra indicada que não engloba os abates feitos nas Fazendas).

(6) Balanços comunicados pela Associação Rural de Bagé e firma Albornoz, de Livramento.

contratados oralmente e pagos por tarefa ou por dia. São construtores de cercas, lenhadores, plantadores de árvores, lavradores, "açudeiros" ou construtores de pequenas barragens-bebedouros, abridores de poços sem contar os artesãos que vêm da cidade. Um destaque particular deve ser feito aos tosquiadores de carneiros que formam equipes ambulantes, ou "comparsas de tosquiadores", de novembro ao fim de janeiro. Eles são dirigidos por um chefe de equipe ou "empreiteiro" que faz os contratos, principalmente verbais, com os proprietários, alguns meses antes da época estival da tosquia. Essas equipes de 10 a 20 empregados se compõem sobretudo por peões desempregados e de operários temporários das charqueadas, no período das entre-safra (maximo abate fevereiro a junho). Esses homens viajam em carretas com seu equipamento de tosquia. Seu trabalho, fixado anteriormente pelo empreiteiro, consiste em tosquiar os carneiros adultos até o fim de dezembro e passar, logo após, nos mesmos estabelecimentos, para a tosquia dos cordeiros, em janeiro. Do dono da estância eles recebem um pagamento do qual a alimentação é subtraída. São alojados, muito precariamente e recebem a lenha para o fogo. É em geral, um trabalho penoso mas de rentabilidade muito superior a qualquer trabalho permanentemente oferecido ao operário rural da Campanha. Os vastos horizontes desnudos da Campanha são, de longe em longe, interrompidos por grupos de árvores que marcam ou as plantações de eucaliptos que servem ao mesmo tempo, como abrigos rudimentares para os animais, como reservas de madeira ou de proteção às sedes de estância. Nesse último caso os eucaliptos estão próximos a árvores frondosas como, por exemplo, os "umbus" (ou *Portulata dioica*), e dos maciços de bambus destinados a assegurar uma proteção contra o calor e os ventos. Sempre situada no topo de uma colina a estância se compõe dum aglomerado de prédios de moradia e de armazenamento (fig. 2). O conjunto é baixo e construído com materiais diversos. A casa do dono se constitui na peça principal. Baixa e alongada, ela se situa no primeiro plano de um patio limitado pelas cercas das pastagens. Feita de pedras ou de tijolos ela se compõe de uma sala de recepção e de vários quartos limitados pela fachada, enquanto a parte traseira esta reservada a cozinha e às outras dependências. Menor, e igualmente construída de tijolos, a casa do capataz esta mais retrada, não longe dos prédios da exploração e das construções secundárias destinadas a paiol, estocagem do charque e ao galinheiro. O tradicional "galpão", simultaneamente abrigo para os arreios e a carreta, estrebaria e sala comum dos peões, constitui o predio da exploração típica. Os alojamentos dos peões se situam no seu prolongamento. As modificações no decurso dos últimos trinta anos nos sistemas pecuários introduziram algumas novidades nesse arranjo tradicional. Um novo galpão, freqüentemente de madeira, abriga a área destinada a tosquia dos carneiros e ao armazenamento dos fardos de lã. Quando os animais de raça são numerosos, a dispersão e ainda mais nítida.

Um, às vezes dois galpões suplementares, baixos, alongados e cuidadosamente mantidos, lhes são destinados. Assim a cabanha introduziu um novo tipo de sede de exploração, nova e racional embora pouco difundida.

As vizinhanças imediatas da sede da estância, revelam perfeitamente seu grau de avanço técnico. Quanto mais numerosas as "mangueiras" ou pastagens fechadas de pequenas dimensões, mais minuciosos são os cuidados dispensados ao gado e mais a estância se afasta do tipo extensivo clássico. As terras cultivadas são também evocativas sob esse aspecto: quando elas não ultrapassam uma superfície de 2 a 5 hectares, a estância permaneceu no estágio comum, i. e., pouco evoluído. Fica-se surpreendido pela pequena extensão do jardim e do pomar, pela ausência quase geral do campo de arroz, cereal que constitui a base da alimentação do gaúcho da Campanha, juntamente com a farinha de mandioca, grandes quantidades de carne grelhada (o famoso "churrasco") e leite. Esse último produto não sofre qualquer transformação exceto o fabrico de manteiga para consumo doméstico. Essa especialização da estância na pecuária de carneiros e de bovinos para carne tende atualmente a se acentuar. Os melhoramentos — ainda muito relativos — trazidos às comunicações terrestres são parcialmente responsáveis na medida em que elas facilitam um aprovisionamento nas cidades mais próximas. No século XIX os inventários das explorações rurais mostram, ao contrario, um maior isolamento da estância e uma produção agrícola reduzida mas real. O abandono dessa pratica não ficou sem consequência para as paisagens rurais e urbanas atuais. As sedes municipais abundam em lojas que vendem produtos alimentares usuais, ultrapassando largamente o consumo das aglomerações de 20.000 a 30.000 habitantes. No cruzamento das estradas os lugares surgiram em plena Campanha desde algumas décadas. Eles abrigam invariavelmente uma mercearia atacadista com bar e uma oficina de conserto de automóveis.

Foi sobretudo o surgimento, na Campanha, de um novo ocupante, o agricultor que acentuou mais o descuido do estancieiro quanto a a-

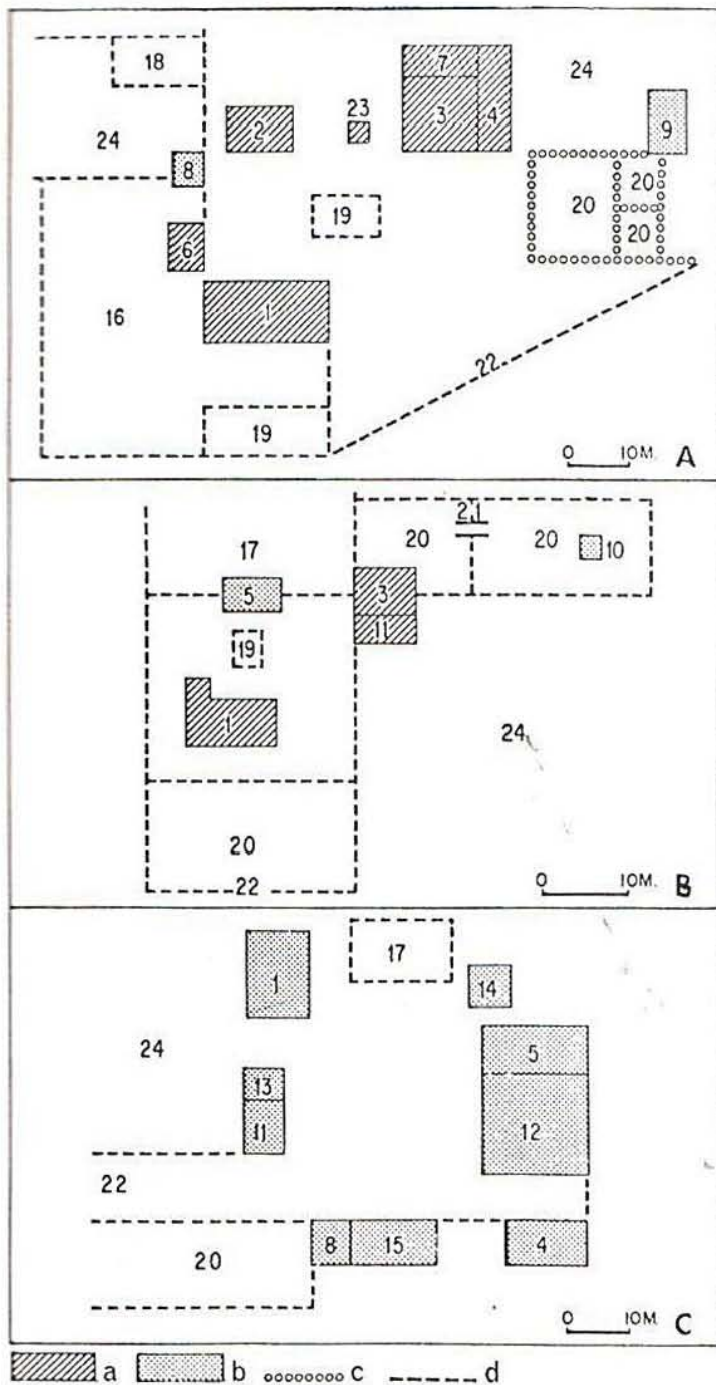


Fig. 2. - Os tipos de estabelecimentos rurais da campanha A: Uma estância de tipo tradicional, situada a 15 km de Bage. - B: Uma chacara produzindo legumes e carne para açougue, próxima de Livramento. C: Uma granja de trigo em Hulha Negra. a: construção de pedra ou tijolo. - b: construções de madeira. - c: cercados de madeira. - d: cercados de arame. 1, Habitação do proprietário. - 2, Habitação do gerente (capataz). - 3, Galpão. 4, Dormitórios ou quartos dos peões. - 5, Paio de milho. - 6, Deposito de charque para o consumo da estância. - 7, Deposito de fardos de lã. - 8, Galinheiro. - 9, Estabulo e abrigo para os animais doentes. - 10, Abrigo rustico de pastagens. - 11, Garagem para o automóvel. - 12, Galpão para máquinas agrícolas. - 13, Deposito de sementes. - 14, Oficinas mecânicas para reparos e lubrificação das máquinas agrícolas. - 15, Chiqueiro. - 16, Pomar. - 17, Jardim com arvores frutíferas. - 18, Campos de milho. - 19, Vinha em espaldeira ou caneteiro de flores. - 20, Pastagens de pequena extensão (mangueiras). - 21, Banheiro para os animais (o da estância não aparece no croqui estando um pouco afastado da sede da estância). - 22, Entrada do estabelecimento. - 23, Caixa d'água. - 24, Pastagens de grande extensão.

griculdade e, ao mesmo tempo, contribuiu para alimentar as lojas da cidade.

Esses agricultores, quase sempre procedentes de outras regiões e estão operando uma lenta revolução na economia da região. Quase espontaneamente tende a se estabelecer um equilíbrio na vida rural da Campanha pois, ao lado da pecuária, o complemento agrícola aparece sob a forma de três tipos de exploração: "as chacaras", as "granjas" e as "colônias".

### III - A AGRICULTURA NA CAMPANHA:

Segundo as estatísticas oficiais, as superfícies destinadas à agricultura na Campanha cobriam 210.000 hectares em 1960, isto é, 4,6% da totalidade da superfície explorada. Para as outras regiões do Rio Grande do Sul essa percentagem é nitidamente superior: 20,1%. Entretanto, durante os 10 últimos anos, o aumento das terras cultivadas da Campanha foi de 94.000 hectares isto é, mais de 80% contra somente 50% no resto do Estado. Em valor, essas produções agrícolas por unidade de superfície são muito mais elevadas que as da estância. Por essas razões e talvez também porque as estatísticas parecem pessimistas — é interessante estudar-se as modalidades da instalação e as atividades atuais dos grandes tipos de exploração agrícola da região.

As chacaras são exploradas de 50 a 200 hectares situadas na periferia dos aglomerados urbanos da Campanha de preferência ao longo dos grandes eixos rodoviários. Estâncias em miniatura no século XIX, elas tendem atualmente a especializar sua pecuária e a desenvolver uma função agrícola comercial. Elas realizam um tipo de transição entre a estância e a exploração de cultivos. Essa transformação é mais acentuada, quando a exploração pelo próprio proprietário é mais difundida e, também os proprietários são comerciantes, vendendo seus próprios produtos.

Do ponto de vista pecuário, a chacara difere da estância pelos maiores cuidados dispensados aos animais e pela freqüência de uma agricultura associada a criação. Os primeiros sinais de uma orientação comercial se manifestam pelo esforço de seleção das vacas leiteiras das raças holandesa e jersey. O estabulo de madeira coberto de palha ou de zinco e para a chacara o que o novo galpão de lã é para a estância classica, isto é o resultado de uma transformação recente de um melhor conhecimento do mercado de consumo regional de uma reflexão sobre os rendimentos das explorações tradicionais. Esta nova orientação parece, entretanto, haver atingido seu limite, porque a industrialização do leite esta praticamente ausente. A comercialização é parcamente organizada. Na maior parte dos casos o proprio produtor transporta o leite a cidade em carroça ou no dorso de cavalo. Nessas condições o "leiteiro" ou criador especializado na produção do leite é considerado como explorador de pequena envergadura.

A chacara é também a melhor fornecedora dos açougues citadinos, ao contrário da estância na qual as vendas de bovinos gordos são feitas de uma só vez, durante o verão, a charqueada ou ao frigorífico. A necessidade de dispor de uma alimentação constante para o gado e em todas as épocas do ano encorajou o desenvolvimento paralelo das culturas para os animais. O equilíbrio financeiro da exploração não se encontra de forma alguma afetado porque os preços de venda dos bois e carneiros, são elevados fora do verão.

A agricultura comercial das chacaras é recente. Tradicionalmente o pequeno estabelecimento rural próximo a cidade satisfazia as necessidades de uma família através de sua horta e seu pomar. Com o crescimento das populações urbanas a chacara tende a sair de sua economia fechada. Ela atinge raramente o estado da exploração especializada. As culturas de hortaliças extensivas por exemplo, são praticadas somente num número reduzido de casos, limitando-se a aumentar a horta e o pomar sem modificar fundamentalmente seus metodos de cultivo. Conservam-se o trabalho com pá, a irrigação manual e a utilização do estrume. Resulta que essa orientação, por mais tênue que seja, implica numa mudança sensível nas relações de trabalho, porque a manutenção da horta e do pomar de ser considerada como simples prolongamento do trabalho domestico reservado as mulheres; ele é confiado a um homem.

As granjas representam um estágio mais avançado da agricultura porque as atividades pecuárias, aí são nitidamente subordinadas ao trabalho da terra. Elas se encontram concentradas nas terras soltas do leste, sobre as terras aluviais do Uruguai e nos fundos de vales do planalto basáltico. Nas terras mais ricas a agricultura se torna atividade domingnte: e o caso, por exemplo, dos solos negros dos municípios de Bage e Uruguaiana. Essas explorações aparecem há cinquenta anos mais ou menos.

Elas se instalaram em vagas sucessivas muito características do meio rural brasileiro. Numa região sem grande tradição agrícola e comum assistir-se ao sucesso muito rapido de um cultivo que pode en-

gendar um tipo de real frente pioneira. Na origem se situa uma iniciativa particular ou governamental. Se a tentativa da resultados, e sobretudo se a nova produção se torna rentável no decurso dos primeiros anos, assiste-se a eclosão de uma verdadeira onda de entusiasmo pelo novo cultivo e ocorre uma colonização rápida das terras propícias à sua implantação. Ficamos sempre surpresos pela espontaneidade e o espírito de aventura desses agricultores que se engajam, sem bases sólidas, numa atividade da qual ignoram a rentabilidade a longo prazo. De fato, a nova moda não atinge profundamente senão certas classes da população rural, aquelas precisamente que não têm nada a perder em uma experiência aventureira: os pequenos proprietários e, sobretudo, a massa dos operários agrícolas que não possuem terras. Também e com base de arrendamento e no contrato que nascem e se desenvolvem os novos cultivos da Campanha. Os grandes proprietários, por sua vez, prosseguem com sua pecuária tradicional e não fazem mais do que alugar a preços elevados uma parte de suas terras.

Sob esse aspecto a evolução do cultivo do trigo é das mais significativas. Se bem que praticada desde a instalação dos colonos açorianos no litoral rio-grandense no século XVIII (7) ela não alcançou grande progresso senão a partir de 1945. O trigo deu então lugar a uma monocultura extensiva nas grandes explorações da Serra Geral e de certas partes da Campanha. Os municípios de Bage e de São Gabriel tiveram, em 1947, um grande progresso na triticultura. Particularmente foram os descendentes dos colonos de origem alemã, vindos das velhas colônias atualmente saturadas do norte e do nordeste de P. Alegre (municípios de Rolante e de Santo Antônio, sobretudo), que criaram novas aglomerações dependentes quase exclusivamente do trigo. Colheitas excelentes até 1956 enriqueceram os fazendeiros, a ponto de lhes permitir adquirir um equipamento muito moderno além de grandes quantidades de terra. O ano de 1957 marcou o início do desencantamento. O esgotamento das terras cultivadas sem rotação, e freqüentemente sem adubo facilitou a propagação de antigas moles-tias (diversos tipos de ferrugem, em particular). Uma sequência inoportuna de invernos suaves e úmidos deveria, por seu lado, reforçar o declínio que se confirmava quase totalmente em 1961.

A granja tritícola não é nada mais atualmente do que um grande corpo vazio. As terras de trigo alugadas aos estancieiros reverteram as pastagens. Nos campos adquiridos na fase da opulência, o triticultor ocasional retornou prudentemente a uma policultura de subsistência baseada no milho e numa pecuária doméstica reduzida. As testemunhas da época aurea subsistem nas sebes das explorações onde os diferentes elementos (casas, galpões de máquinas, celeiros) estão dispostos em retângulos ao redor de um pátio interior.

Entretanto uma nova ideia surgiu recentemente: é da criação de vacas leiteiras. Ainda uma vez a origem deve ser procurada na imitação. Uma colônia denominada "Colônia Nova", composta por russos brancos emigrados, no município de Bage, lançou-se nessa especialidade após ter criado uma sólida cooperativa leiteira: isso foi suficiente para que todo o pequeno explorador, tentasse imitar seu exemplo. Os engenheiros agrônomos, os veterinários dos serviços governamentais e os economistas acreditavam no fracasso certo pela ausência de um estabelecimento industrial capaz de tratar a produção.

Entretanto, o instinto de imitação não conduz sempre a catástrofe, pelo menos quando é convenientemente guiado e ajudado pelas iniciativas governamentais. O sucesso da granja de arroz irrigado ainda necessita ser comprovado. Como aquela do trigo, a cultura do arroz era conhecida, se bem que pouco praticada, no Rio Grande do Sul, desde o século XVIII (8). Passou ela do estágio de cultura da subsistência ao de grande cultura extensiva com a introdução da irrigação mecânica no início do século XX. A grande exploração do arroz invadiu, então, a depressão central e os litorais lagunares ocidentais antes de penetrar na Campanha pelos vales do Ibicuí, do Rio Santa Maria e o Uruguai. Apesar da resistência do estancieiro, o arroz constitui atualmente o principal cereal da região. Cultivo de depressão, praticado sobretudo por tenência indireta ele engendrou um novo tipo de paisagem agrária caracterizada, pela instabilidade dos solos de cultivo e de habitat. O orizicultor e ainda um intruso sem terra. Ele ilustra perfeitamente o tipo de fazendeiro vindo de outras regiões a procura de rápidos benefícios.

(7) A cultura do trigo foi, entretanto, quase totalmente abandonada entre 1820 e 1875, data da chegada dos colonos italianos que a retomaram.

(8) Um recenseamento de 1784 faz referência disso (dado comunicado pelo Diretor dos Arquivos Históricas de Porto Alegre, sr. Paulo Xavier).

Não obstante os fracassos locais, ele se mantém graças ao apoio do Governo e a ação de proteção comercial exercida pelo Instituto Riggandense do Arroz (9). Mais recentemente ainda, a produção agrícola foi enriquecida graças ao desenvolvimento das pequenas explorações especializadas na cultura de legumes e frutas. Inúmeros fatores facilitaram o aparecimento dessa cultura. O Governo do Rio Grande do Sul deu o exemplo, instalando uma estação de fruticultura próxima a Livramento. A procura do produto feita pelos mercados locais quanto uruguaios encorajou os camponeses a fazer o sacrifício de 2 ou 3 anos de colheitas reduzidas para substituí-las por plantações de árvores frutíferas. Finalmente, criando na Campanha colônias de agricultores brasileiros ou de descendentes de colonos estrangeiros, o governo federal contribuiu, com maior ou menor felicidade, para a adoção de métodos de cultivo cuidadosos nas explorações de 50 hectares em média.

Colônias ou pequenas propriedades particulares, essas explorações se localizam seja na proximidade de estradas, seja nas regiões de relevo acidentado. No primeiro caso elas resultam do desmembramento de antigas chacaras reduzidas a parcelas de 5 a 20 ha, superfície notoriamente insuficiente para permitir uma pecuária rentável nas condições econômicas e técnicas atuais. Na proximidade da escarpa basáltica ocidental, por outro lado, os montes de arenito capeados por basaltos oferecem as culturas delicadas terrenos com solos variados e exposições favoráveis. Alguns dentre eles são totalmente consagrados as culturas dos colonos, como por exemplo o "Cerro da Vigia", ao norte de Livramento.

Essas explorações permanecem como policultura, não importando sua localização. A horticultura extensiva (feijões, aboboras, cebolas, couves), os pomares de laranjeiras, de bergamoteiras e de oliveiras não eliminaram as culturas produtoras clássicas. Essas ocupam nas depressões (arroz) e nas vertentes (milho e mandioca) os locais que lhes são reservados não importa em que exploração de policultura rio-grandense. Todas essas culturas — comerciais e de subsistência — tendem a esboçar uma divisão regional grosseiramente concordante aos relevos e aos solos. Efetivamente, o planalto basáltico permanece como domínio exclusivo da pecuária, ao passo que os terrenos sedimentares do leste, os vales do Uruguai e de seus afluentes, os "cerros" são parcialmente colonizados pelas culturas. Colonização muito frágil não saberia se desenvolver sem fazer apelo as regiões coloniais do Norte para completar a falta de braços da Campanha.

#### CONCLUSÕES: OS PROBLEMAS DA CAMPANHA, REGIÃO FRONTEIRA DA PECUÁRIA EXTENSIVA.

Várias vezes sublinhamos o quanto a vizinhança da fronteira marcou as paisagens rurais e os modos de exploração da Campanha. A influência do Uruguai, em particular, é muito nítida. A fronteira de quase 500 km não constitui uma barreira no sentido econômico e comercial do termo. Como poderia se-lo, se ela se reduzia quase sempre, a uma passagem relvosa, chamada "corredor internacional", entre duas linhas de cercas de estâncias regularmente interrompidas pelas portas de pastagem? Muito numerosas são as propriedades sobre a linha de fronteira, com pastagens no Uruguai e no Brasil. Os deslocamentos do gado entre esses poteiros estão submetidos, em princípio, a um controle aduaneiro. Esse último, de fato, não é constante e não poderia impedir a entrada ou saída contrabandeada de grandes contingentes de gado. Para muitos proprietários brasileiros possuidores de terras e capitais e até parentes no Uruguai, a cidade de Melo é tão familiar e acessível como a de Bage ou São Gabriel. Entre a cidade brasileira de Livramento e a aglomeração uruguaia de Riveira, separadas por uma so avenida — qualificada de "internacional", a simbiose econômica e comercial é total. Ao capricho do desenvolvimento de trocas e dos mercados da carne de lã, organizaram-se verdadeiras correntes de contrabando entre os dois países. Seria vão procurar quantificar a verdadeira produção da Campanha, pois basta um ano de alta da lã no lado brasileiro para que uma parte da produção do Uruguai passe clandestinamente ao Brasil. Registradas como produção da Campanha, essas "importações" explicam verdadeiros milagres estatísticos. Observamos assim, num determinado ano, a lã do carneiro rio-grandense se dar ao luxo de uma produção que pulverizou todos os recordes mundiais.

A união efetiva da Campanha ao Brasil se encontra complicada, alias, por duas séries de inconvenientes: a pobreza dos meios de comunicação e a insuficiência das indústrias de transformação dos pro-

(9) PEBAYLE, RAYMOND: A rizicultura irrigada do Rio Grande do Sul — Boletim Mineiro de Geografia, julho de 1965, n.º 10 e 11; p. 45 a 73 (Transcrito neste Boletim N.R.)

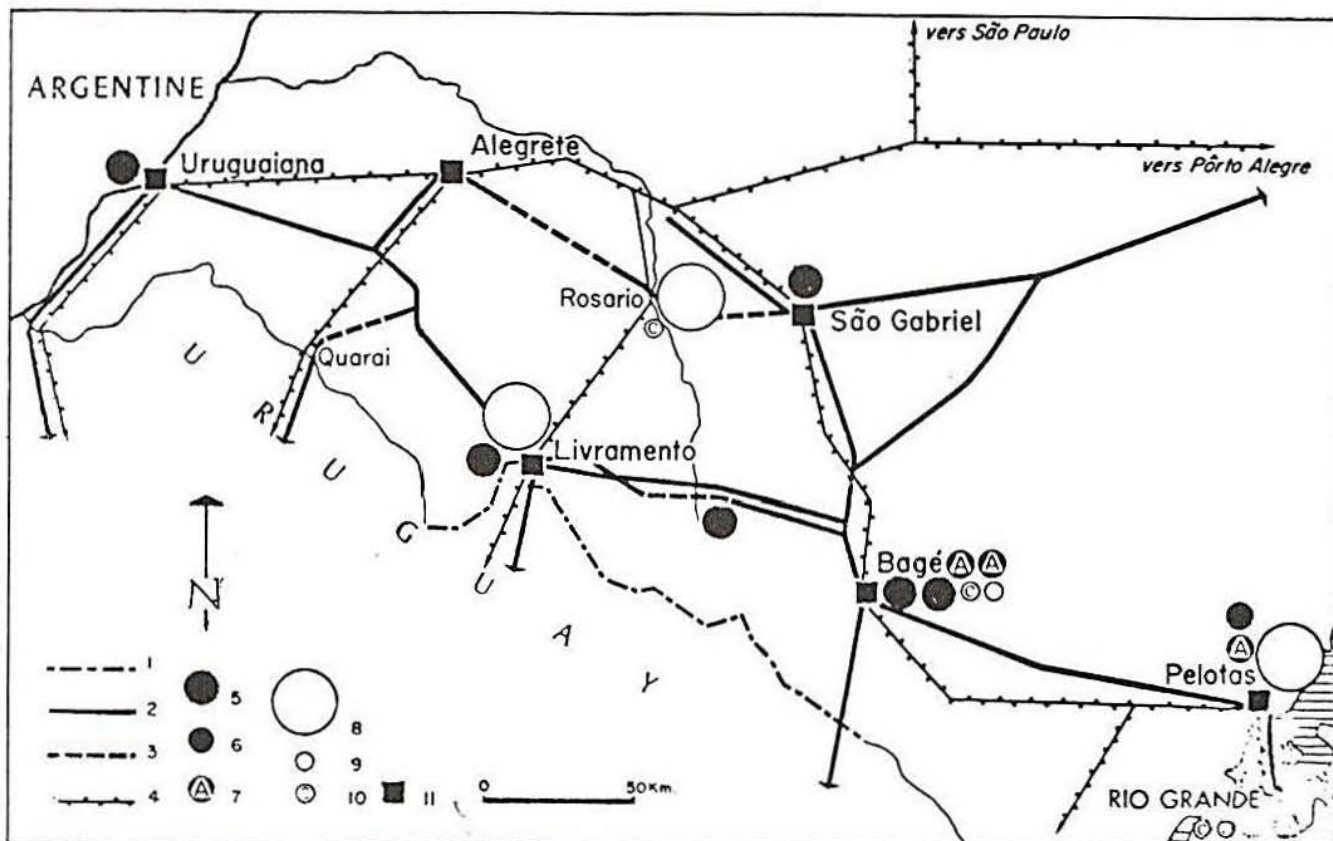


Fig. 3. As vias de comunicação e as indústrias da carne na campanha rio-grandense. 1. Fronteira - 2. Rota de tráfico permanente. 3. Rota de tráfico não permanente. - 4. Via ferrea. - 5. Charqueada Cooperativa: mais de 15.000 cabeças por ano. - 6. Charqueada Cooperativa: menos de 15.000 cabeças por ano. - 7. Charqueada Sociedade Anônima: menos de 15.000 cabeças. 8. - Frigorífico Sociedade Anônima mais de 35.000 cabeças. - 9. Frigorífico Sociedade Anônima: menos de 6.500 cabeças. - 10. Frigorífico Cooperativa: menos de 6.500 cabeças. - 11. Cidade com mais de 20.000 habitantes.

dutos da pecuária. As rodovias e as ferrovias (fig. 3) servem muito imperfeitamente vastas porções do território. Não obstante, a construção das ferrovias introduziu progressos notáveis, particularmente, para os transportes a longas distâncias do gado em pe. Apesar de sua insuficiência (Bitolas de 1 metro, extensão dos trajetos), o caminho de ferro permanece como o mais apreciado dos meios de comunicação para o transporte dos animais e das mercadorias não perecíveis (lã, charque, couros e peles salgadas). Assim, mais de 7.500 toneladas de charque, de uma produção total aproximada de 10.000 toneladas, chegam anualmente ao porto de Rio Grande pela via-ferrea única, Bagé-Pelotas-Rio Grande, com destino ao Norte e Nordeste brasileiros.

A rodovia, mais recente, atende mal os setores deixados no isolamento pela via ferrea. No leste ela chega, frequentemente, a ser paralela a ferrovia. Com exceção das cidades, a campanha, não possui vias asfaltadas, com exceção de um trecho Bagé-Aceguá. Duas estradas de interesse regional: Alegrete-São Gabriel e Livramento-Bagé são impraticáveis durante uma parte do inverno. Apesar desses inconvenientes os transportes rodoviários se desenvolvem. O caminhão frigorífico compensa, sob esse aspecto, muito satisfatoriamente a falta de vagões isotermicos por parte da "Viação Ferrea do Rio Grande do Sul". Não obstante a falta de estatísticas rodoviárias, podemos considerar, que a quase totalidade da carne congelada de boi e de carneiro e enviada por rodovia com destino aos mercados de Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro.

A navegação fluvial, finalmente, está praticamente ausente da Campanha. As saídas marítimas, Pelotas e Rio Grande, são pouco utilizadas. Elas recebem, com exceção do charque e dos couros, fracas toneladas da região da fronteira. Isso se deve não a insuficiência do seu equipamento portuario, mas também aos inconvenientes dos transportes marítimos de cabotagem, brasileiros em geral. Como efeito, estes são, ao mesmo tempo, muito custosos, pouco seguros e irregulares. Esta situação é tanto mais deplorável porque o porto de Montevideo, situado a algumas centenas de quilômetros ao sul ligado a fronteira por três ferrovias, não apresenta esses inconvenientes. O tratamento industrial dos produtos do rebanho da Campanha é também insuficiente. Não existe senão um só estabelecimento para tratamento de lã em Livramento. O essencial da produção de lã é somente separada e lavada nos grandes depósitos, as "barracas" - para ser em seguida exportado para Porto Alegre ou São Paulo. As indústrias da carne, por outro lado, se encontram numa situação de duplo desequilíbrio: geográfico, primeiramente, porque dos treze estabelecimentos que possui a Campanha, onze se encontram concentrados no leste; técnico, e m

seguida, porque existem apenas cinco matadouros frigoríficos dos quais apenas dois são de grande categoria e capacidade (o da Companhia Swift em Rosario e o da Companhia Armour em Livramento - todos de origem americana). Paralelamente, oito charqueadas, das quais seis grandes cooperativas, funcionam a 10% de sua capacidade. Seus abates passaram de 470.000 cabeças, em 1953, a 172.000 em 1964. Os frigoríficos tratam atualmente (\*) mais de 360.000 animais, contra somente 172.000 em 1954. Apesar desse incremento, eles funcionam também abaixo de sua capacidade. Um grave problema de reconversão se coloca então, ao menos aparentemente, pois deverá se ter em conta as importações de gado em pe do Uruguai. Seja o que for, o fechamento das charqueadas menos rentáveis, a reconversão das outras (iniciada somente em Livramento no quadro cooperativo) e a generalização de uma atividade complementar fora do período de abate parecem uma necessidade. Sobre esse ultimo ponto, Livramento e Rosario empreenderam com certo sucesso a difusão das ervilhas para conserva.

Colocadas finalmente diante do mercado brasileiro, essas indústrias da carne se encontram atualmente prejudicadas pela procura cada vez mais reduzidas de charque e pela fraca seleção comercial das carnes que coloca sobre o mesmo plano os mestiços de zebus do Brasil e os bois de primeira qualidade do sul gaúcho. A solução do mercado exterior é aleatória pois está oficialmente subordinada a autorização do governo.

Assim a Campanha rio-grandense surge como região de transição entre o Brasil tropical e os países temperados do Prata. Ela ilustra perfeitamente a tese geográfica bem conhecida segundo a qual a noção de fronteira e teorica face a grande influência do meio natural e o vigor das mentalidades diretamente saídas da História. Entretanto, ela mostra também que o gaúcho brasileiro, apesar de sua resistência, a os golpes de força dos neo-agricultores e da sua fidelidade a um gênero de vida tradicional, não pode evitar o nascimento de uma vida regional diversificada, que voltou as costas aos exemplos vindos do Sul. Justamente porque ela está totalmente impregnada de espontaneidade, esta nova tendência não deverá ser negligenciada, e, os especialistas da organização do território que se preocupam com razão, pelo caráter marginal da Campanha, podem encontrar aí uma orientação. É certo, sob esse aspecto, que algumas realizações no domínio das comunicações, das indústrias rurais e dos mercados, contribuirão para acelerar uma ligação econômica efetiva da Campanha a Federação Brasileira.

(\*) Em 1964.